

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

THACYANA LENIZE SANTOS RINEIRO

**DA UNIVERSIDADE À SALA DE AULA: PERCEPÇÕES DOS EGRESSOS DO
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DO CES/UFCG SOBRE SUA
FORMAÇÃO DOCENTE**

UFCG / BIBLIOTECA

CUITÉ-PB

2012

THACYANA LENIZE SANTOS RIBEIRO

**DA UNIVERSIDADE À SALA DE AULA: PERCEPÇÕES DOS EGRESSOS DO
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DO CES/UFCG SOBRE SUA
FORMAÇÃO DOCENTE**

Monografia apresentada a Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Educação e Saúde – UFCG/CES como requisito para obtenção do título de graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof.^a. Ms: Caroline Zabendzala Linheira

Cuité-PB
2012

UFCG / BIBLIOTECA



Biblioteca Setorial do CES.

Junho de 2021.

Cuité - PB

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE
Responsabilidade Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

R484u Ribeiro, Thacyana Lenize Santos.

Da universidade à sala de aula: percepções dos egressos do curso de ciências biológicas do CES/UFPG sobre sua formação docente. / Thacyana Lenize Santos Ribeiro – Cuité: CES, 2012.

68 fl.

Monografia (Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas) – Centro de Educação e Saúde / UFPG, 2012.

Orientador: Me. Caroline Zabendzala Linheira.

1. Expansão universitária. 2. Prática docente. 3. Ensino superior. I. Título.

CDU 378

THACYANA LENIZE SANTOS RIBEIRO

**DA UNIVERSIDADE À SALA DE AULA: PERCEPÇÕES DOS EGRESSOS DO
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DO CES/UFCG SOBRE SUA
FORMAÇÃO DOCENTE**

Monografia apresentada a Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Educação e Saúde – UFCG/CES como requisito para obtenção do título de graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas.

Aprovada em ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Ms. Caroline Zabendzala Linheira (Orientadora)

Prof^a. Dra. Michelle Gomes Santos (Titular)

Prof^a. Ms. Letícia Caporlingua Giesta (Titular)

Prof^o. Ms. Lauro Pires Xavier Neto (Suplente)

UFCG / BIBLIOTECA

UFCG / BIBLIOTECA

Dedico este trabalho a todos os profissionais da área da educação, que apesar dos obstáculos encontrados no caminho, tentam de alguma forma contribuir para a melhoria da educação brasileira.

AGRADECIMENTOS

Ao meu bom Deus que me presenteou com essa conquista e por sua presença em minha vida, pois é através dele que consigo trilhar caminhos e vencer os obstáculos.

A meus pais, pelo amor incondicional, que durante cinco anos suportou a distância e a saudade por eu está fora de casa, e por sempre apoiar com palavras motivadoras me direcionando na jornada da vida.

Aos meus irmãos Wesley Tiago e Thamyres Lilian, e em especial a Thialisson por conviver comigo todos os dias dando total apoio e por compartilhar de momentos bons e ruins durante este tempo.

Ao meu companheiro Thiago Lúcio, a quem amo muito, por está sempre ao meu lado, mesmo estando distante me ajudando e apoiando, fazendo com que eu nunca desistisse deste sonho, tendo sempre palavras amáveis e carinhosas e compartilhando projetos e sonhos com amor e compreensão.

A Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Educação e Saúde – CES pelo acolhimento e oportunidade de desenvolver e compartilhar minhas ideias dando continuidade aos meus estudos acadêmicos.

A minha orientadora, Prof^ª. Msc. Caroline Zabendzala Linheira, por sua atenção, paciência, incentivo e contribuição indispensável na realização deste trabalho.

Aos professores, pela amizade, carinho e respeito, e em especial a Prof^ª. Dra. Francisca Cristiane da Costa, que apesar de não fazer mais parte do corpo docente do CES, foi de grande companheirismo durante o pouco tempo que passou conosco.

Aos meus colegas, especialmente a Fernando, Kátia e Lourdes pela convivência, pela atenção e carinho a qual sempre me dedicaram.

Aos alunos egressos que, com boa vontade, participaram da minha pesquisa.

UFMG / BIBLIOTECA

“Educar é semear com sabedoria
e colher com paciência”.

Augusto Cury

RESUMO

Esta pesquisa foi motivada pela importância de identificar e analisar as contribuições e lacunas da formação acadêmica para a prática docente no cotidiano dos alunos egressos do curso de licenciatura em Ciências Biológicas do Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande – CES/UFCG. A expansão universitária no Brasil veio com o objetivo de democratizar o acesso ao Ensino Superior, e também formar profissionais para atender a demanda especialmente no interior do país. No caso do CES vivenciamos os desafios da formação de professores em um contexto de expansão. Portanto, esta pesquisa veio na necessidade de avaliarmos o trabalho desenvolvido num campus jovem, num contexto da expansão universitária em uma região carente de professores na área de ciências da natureza, que dentre muitas ausências tem a formação de professores com atividade paralela ao desenvolvimento de pesquisas em áreas duras das Ciências Biológicas descaracterizando de certa forma o curso de licenciatura. Nossa pesquisa pretende investigar esse universo através do discurso dos professores. Os resultados obtidos demonstraram que a universidade tem uma importância significativa na nossa formação acadêmica e profissional proporcionando de diversas maneiras um aprendizado único e efetivo, porém com algumas dificuldades na articulação entre a formação teórica e atuação prática. Dessa maneira, os resultados demonstraram que a formação docente é globalmente idealizada segundo um modelo aplicacionista do conhecimento, onde os alunos assistem aulas de algumas disciplinas que se fundamenta em teorias proposicionais. É necessário que as universidades possam propor aos seus docentes o desafio de repensar o “bom ensino” e construir novos paradigmas para aprendizagem dos estudantes. Constatou-se que a maioria dos professores não pretendia seguir na área educacional e que com o passar do tempo foram se identificando com a área e atualmente são professores de Ciências e Biologia. O trabalho teve como finalidade apontar e analisar alguns pontos nesta formação dando espaço para que os professores demonstrassem em seus depoimentos as possíveis ausências no curso a fim de que se possa melhorá-lo.

Palavras-chaves: Expansão Universitária, Prática docente, Ensino superior.

ABSTRACT

This research was motivated by the importance of identifying and analyzing the contributions and shortcomings of academic training for teaching practice in everyday alumni of the undergraduate program in Biological Sciences and the Center for Health Education, Federal University of Campina Grande - CES / UFCG. The university expansion in Brazil came with the goal of democratizing access to higher education, and also train professionals to meet the demand especially in the countryside. In the case of CES experienced the challenges of teacher education in a context of expansion. Therefore, this research came from the need to evaluate the work of a young campus, in the context of university expansion in a region devoid of teachers in the sciences of nature, that among many absences have teacher training with parallel activity to the development of research in hard areas of Biological Sciences mischaracterize somehow the degree course. Our research intends to investigate this universe through the speech of teachers. The results showed that the university has a significant importance in our academic and professional providing a learning experience in many ways unique and effective, but with some difficulties in articulating the theoretical and practical performance. Thus, the results demonstrated that teacher training is globally according to an idealized model applicationist knowledge, where students attend some classes of disciplines that are essential for propositional theories. It is necessary for universities to offer its teachers with the challenge of rethinking the "good teaching" and construct new paradigms for student learning. It was found that most teachers did not intend to follow in education and over time were identifying themselves with the area and are now teachers of Science and Biology. The study was aimed at analyzing some point and points in this formation giving space for teachers to demonstrate in their statements on the possible absences course so that we can improve it.

Keywords: University Expansion, practice teaching, Higher Education.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 - DE ESTUDANTE À PROFESSORA: UM NOVO OLHAR SOBRE A DOCÊNCIA.....	10
CAPÍTULO 2 – A FORMAÇÃO DE PROFESSORES	15
2.1 Universidade e a Formação de Professores	15
2.2 O Estágio na Formação de Professores.....	18
OBJETIVOS	23
Objetivo Geral:.....	23
Objetivos Específicos.....	23
CAPÍTULO 3 - A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA.....	24
CAPÍTULO 4 – RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	27
CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS	42
ANEXOS I – Modelo de formulário de entrevistas.....	44
ANEXOS II – Modelo de termo de consentimento.....	48
ANEXOS III – Formulários respondidos pelos professores.....	50

CAPÍTULO 1

DE ESTUDANTE À PROFESSORA: UM NOVO OLHAR SOBRE A DOCÊNCIA

Antes de tudo gostaria de dizer o quanto é fascinante para mim, desenvolver um trabalho, cujo tema há tanto tempo vinha sendo pensado e repensado como aluna que sou de um curso de licenciatura, pois, sempre almejei estudar sobre algo que envolvesse educação.

Lembro-me de diversas situações que aconteceram comigo no meu Ensino Fundamental II e Médio. Uma vez na sala de aula, a professora do Ensino Fundamental II de História pediu que alguns alunos pudessem criar perguntas com suas respectivas respostas baseadas no assunto que foi estudado durante a semana em sala. Feito isso, cada um iria apresentar o seu trabalho. Durante a apresentação do meu trabalho, despertava em mim um lado que até então não havia sido descoberto, que era o lado de ser professora por um momento, ou seja, estava sendo para mim um momento de descobertas por ter gostado daquela simples oportunidade que um dia pude vivenciar. Passado alguns anos, já no ensino médio onde tudo era novo para mim, pois, estava em séries mais difíceis que exigia de mim uma dedicação maior, e tinha também o fato de estar em uma nova escola. A escola em que eu estudava no interior de Santa Cruz/RN havia em seu quadro de professores, pessoas que saíam da capital para vir dar aulas, e eu como estudante me perguntava como aqueles professores saíam de um lugar distante para vir apenas ministrar aulas. Várias perguntas surgiam na minha mente, será que era por dinheiro? Será que era por gostar dos alunos? Ou será que era por prazer, por gostar do que faz? Um dia, por estar em uma conversa informal com minha professora de literatura, perguntei qual o real motivo por ela está naquela escola ministrando aulas? Ela sorriu para mim e falou: “Você pode até duvidar, mais estou aqui pelo fato de poder ensinar tudo o que aprendi e aprender com vocês tudo aquilo que com tempo a minha faculdade não pôde ensinar”.

Fiquei pensando o que realmente ela queria aprender conosco. Hoje, desenvolvendo esse trabalho entendo o que ela quis dizer com aquela frase. Anos se passaram e sempre me identificava com as disciplinas que não envolvessem números, eu tinha por obrigação estudar, mas no fundo não gostava. A minha tia que na época era formada em pedagogia, sempre que possível me ensinava. Como eu admirava o seu jeito de ensinar, a sua paciência comigo, pude com o tempo me espelhar nela como professora e como pessoa. Com o tempo me tornei “professora” dos meus irmãos mais

novos, não via a hora de chegar em casa para depois do almoço ensinar a tarefa. Adorava o que fazia, em uma porta improvisada eu fazia exercícios e até mesmo provas, com direito a correção e boletim.

O tempo passou e tinha a certeza que queria ser professora, porém, não sabia ao certo qual a área a seguir. Concluído o meu 3º ano do Ensino Médio, prestei vestibular para o curso de Letras, pois, como eu tinha a facilidade de escrever era um curso que eu podia me identificar. Não conseguido a aprovação no vestibular, fui para a capital do Rio Grande do Norte, Natal, fazer cursinho e tentar novamente Letras. Pois, tinha a certeza que queria ser professora. Durante o cursinho, os meus professores de Biologia buscavam de alguma maneira chamar atenção dos seus alunos, daquela enorme sala, para suas aulas. Quando as aulas de um professor de Biologia começaram chamar mais atenção do que os outros, o curioso das suas aulas é que ele sempre desenhava algo que envolvesse o conteúdo. Isso fez com que eu me apaixonasse pela disciplina, talvez esse método de ensino tenha feito descobrir o quanto era prazeroso estudar Biologia, e o quanto somos capazes de inovar para que uma aula não se torne monótona. Chegando o fim do ano, concretizei o que não esperava, mas almejava durante meses, que era a oportunidade de prestar vestibular para o curso de Licenciatura em Biologia.

No segundo semestre de 2006 fui aprovada no vestibular especial da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), que acabara de implantar o Centro de Educação e Saúde (CES) na cidade de Cuité-PB. A partir de então tudo o que eu sonhava e almejava para a minha carreira profissional como professora, estava se tornando realidade. Quantas expectativas com o curso! Chegada a hora tão esperada de conhecer o campus, os colegas e os professores. Já nos primeiros dias de aula nos foi apresentado o corpo docente da instituição, que nos esclareceu sobre os benefícios da criação do CES para uma região carente social e economicamente como o Curimataú Paraibano. Ainda nos foi apresentada a estrutura curricular do curso de Licenciatura em Biologia, que hoje passou a ser chamado de Licenciatura em Ciências Biológicas, bem como as possíveis áreas de atuação de um Biólogo. Logo no início da faculdade tive a sorte de dedicar-me apenas ao curso. Anos mais tarde, tive a oportunidade de ingressar em uma escola particular da região do Curimataú o Centro Educacional Millenium, onde pude atuar como professora substituta do professor de Biologia, onde faço parte do corpo docente até os dias atuais. Dentre as primeiras disciplinas cursadas estava a Zoologia, a qual passei a ter bastante dedicação e interesse. Pois, era uma disciplina voltada para os animais. A paixão por animais me fez tentar monitoria para a referida

disciplina, com isso eu poderia conseguir ser bolsista e ao mesmo tempo transmitir o que eu sabia para ajudar aos meus colegas de outras turmas. Embora reconheça que a experiência como monitora me ajudou a crescer, além de ser enriquecedora durante meu processo de formação, eu não conseguia até então visualizar um caminho que me completasse ou satisfizesse todos os meus anseios. Senti-me perdida em vários momentos durante a graduação. A falta de vivência com os ensinamentos práticos das disciplinas em especial tornava algumas aulas desinteressantes.

Vieram então às disciplinas de educação, abriram-se novos caminhos. Achei tudo aquilo muito interessante e comecei a me dedicar pela área, pois era uma área que desde o início eu me identificava, apesar de não agradar a todos. Foi aí que resolvi participar do processo de seleção do Projeto Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência - PIBID, que tem como principal objetivo a elevação da qualidade das ações acadêmicas voltadas à formação inicial de professores nos cursos de Licenciatura das instituições de educação superior, assim como incentivar as escolas públicas de educação básica a tornarem-se protagonistas nos processos formativos desses estudantes. Desde então tenho participado de ações, experiências metodológicas e práticas docentes articuladas com a realidade da escola pública conveniada¹ ao projeto e que serve de palco para a aplicação dos estudos. Associado a isso participei de alguns encontros e congressos em áreas afins. Estas atividades sem dúvida foram importantes, pois me colocaram em contato com outros profissionais, que me embasaram e encorajaram a permanecer na área da educação. Esse projeto oportunizou momentos únicos com alunos e professores da escola pública de ensino médio. Pude desenvolver projetos, atividades, viagens, tudo em conjunto com a professora da turma, de maneira que abordasse algo novo para complementar as aulas de biologia. Considerei esse projeto como um avanço na minha carreira profissional, pois pude vivenciar o que é ser de fato professora. Era um momento na qual eu poderia desistir, ou seguir com o meu objetivo: ser uma profissional qualificada na área da educação brasileira.

Durante o projeto PIBID e os meus estágios, cheguei a pensar algumas vezes, que o ensino-aprendizagem não estava funcionando tão bem em sala de aula por motivos nos quais os professores não buscavam melhorias para obter uma boa aula. Desde então, percebi que um dos fatores que faziam com que os profissionais não

¹ Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Orlando Venâncio dos Santos (Cuité-PB)

conseguissem êxito nas suas aulas era o fato de não relacionar a afetividade ao aprendizado em sala, um dos aspectos como atuante na área da educação que sou, influencia e muito no seu papel como educador, ou então, pelo fato de na sala de aula ter poucas aulas práticas, pois as mesmas dinamizam e instigam o alunado facilitando o conhecimento do assunto em questão. A visualização é um mecanismo de grande importância já que facilita e estimula o ensino-aprendizagem.

KRASILCHIK (2008) argumenta que:

“Apesar de sua inquestionável importância, as aulas práticas são pouco difundidas, seja pela falta de tempo para preparar material ou também pela falta de segurança em controlar os alunos. Mas que, apesar de tudo reconhece que o entusiasmo, o interesse e o envolvimento dos alunos compensam qualquer professor pelo esforço e pela sobrecarga de trabalho que possa resultar nesse tipo de atividade”.

Surgia também a ideia de que a universidade provavelmente não transmitiria o suficiente para o seu alunado a prática necessária para ingressar na sociedade um bom profissional de sala de aula, o que nos remete a pensar sobre a formação docente ser um problema por não conseguir fazer uma relação de sucesso entre teoria e a prática, e pelo fato de não ter hoje professores preparados para formar professores.

Sendo assim comecei a buscar respostas para o nosso problema de pesquisa: como está se dando a formação dos professores de ciências e biologia no curso de licenciatura no CES? Como estes agora profissionais se percebem enquanto professores? E quais relações estabelecem entre a sua prática atual e sua formação anterior. Quais os pontos fortes de nossa formação e os pontos fracos?

Como responder a tantas dúvidas? Foi assim que surgiu o tema do meu projeto de monografia, que desde já vem me auxiliando como devo fazer para melhorar cada vez mais a minha formação como educadora, e mostrar a todos aqueles que podemos fazer algo consistente e significativo no âmbito educacional. Apesar de ter muitas coisas boas descritas na literatura, precisamos contribuir para entendermos um pouco tudo o que acontece com o professor atuante em sala. Pois, convivemos com docentes iniciantes que encontram dificuldades em refletir sobre sua prática pedagógica, se sentindo desmotivados com a desvalorização sócio-econômica-cultural do professor na atualidade e, ao mesmo tempo, possuindo o desejo de serem bem sucedidos na profissão.

Mas o que faz um bom professor? Como se forma um bom profissional nesta área tão complexa que é o Ensino de Biologia? Basta ensinar Biologia? Como formá-lo de certa forma distante da escola? Perguntas como estas que me acompanharam durante minha jornada como aluna, na busca de me tornar uma boa professora me trouxeram até esta pesquisa.

E considerando que:

“O educador está no meio de um fogo cruzado e/ou talvez no olho do furacão, pois, de um lado, o extraordinário avanço das ciências e a transformação das exigências sociais que requerem mudanças profundas dos conteúdos curriculares e de sua atuação do cotidiano da sala de aula, e, de outro a falta de investimento em educação acaba produzindo um estado de coisas que denota um desinteresse por parte do educador, o que, entretanto não condiz com a realidade concreta. Todo esse quadro gerou não apenas a desvalorização do professor pela escola, mas, o que é pior, gerou um sentimento de inferioridade, de perda de seu papel social no mundo moderno”. (CAMPOS 2006, p.46)

Hoje, como futura licenciada em Ciências Biológicas da UFCG/CES, e professora de Ciências e Biologia, venho através desta pesquisa discorrer sobre um tema que busca elementos que possam melhorar a formação do professor, proporcionando mais saberes que incentivem a docência com envolvimento afetivo e conhecimento didático. Para isso buscamos saber de que maneira o seu tempo na universidade contribuiu para sua boa formação docente.

Por fim, justificamos esta pesquisa na necessidade de avaliarmos o trabalho desenvolvido num campus jovem, num contexto da expansão universitária em uma região carente de professores na área de ciências da natureza, que dentre muitas ausências tem a formação de professores como atividade paralela ao desenvolvimento de pesquisas em áreas duras das Ciências Biológicas descaracterizando de certa forma o curso de licenciatura.

CAPÍTULO 2

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

2.1 A Universidade e a Formação de Professores

Para ser um profissional da educação é necessário prestar vestibular para um curso superior em Licenciatura ou Pedagogia, e desses cursos retirar os conhecimentos, para assim ser um formador de ideias. A universidade é a fonte de produção de conhecimento, de tecnologia e de cultura (ALVES, 2006, p.53), é onde os profissionais de todas as áreas aprendem o que é necessário posteriormente para colocar em prática tudo o que foi aprendido.

Alves afirma que:

Entre as Instituições de Ensino Superior, deve-se distinguir a universidade como centro de produção de conhecimento novo, de ciência, tecnologia e cultura, cuja disseminação deve ser feita através de atividades de ensino e extensão. Se a universidade é parte de uma realidade concreta, suas funções devem ser pensadas e trabalhadas levando-se em conta as exigências da sociedade, nascidas de suas próprias transformações em um mundo em constantes mutações e crises. Percebe-se, também, que na universidade, como realidade histórico-sócio-cultural, deve ser por sua própria natureza, o local de encontro de culturas diversas, de diferentes visões do mundo (ALVES, 2006, p.53).

Tendo presente esses elementos, devemos lutar por uma concepção de universidade como instituição dedicada a promover o avanço do saber e do saber fazer, ela deve ser o espaço da invenção, da descoberta, da teoria, de novos processos; (ALVES, 2006, p. 54) deve ser o lugar da pesquisa, buscando novos conhecimentos.

De acordo com Alves, 2006, p. 56:

Uma das formas de a universidade desenvolver bem o ensino e a pesquisa é através da formação de cidadãos aptos a exercerem funções especializadas em todas as áreas do conhecimento. E essa formação de cidadãos deve caracterizar-se como a preparação de homens pensantes, que buscam novos caminhos, e não de máquinas que sempre repetem automaticamente os mesmos movimentos. Portanto, a universidade além de ser uma instância de produção de conhecimentos, de cultura e de tecnologia, é também a instituição onde se devem formar pessoas, cidadãos e profissionais. No caso de uma universidade pública, mais que habilitar estudantes para atuar como

profissionais no mercado de trabalho, ela deve formá-los para influir sobre a realidade onde vão atuar numa perspectiva de mudança, a partir de uma visão crítica da realidade.

Diante da formação de professores, para que a Universidade cumpra seu papel é importante incorporar em sua prática uma discussão nem tão atual em que se discute a necessidade de ressignificar o papel do professor, a finalidade social dos conteúdos escolares e o papel da escola (FREIRE, 1996; GASPARIN, 2003) no caso específico do ensino de ciências o uso de novas estratégias didáticas a fim de garantir um ensino com significado na vida cotidiana (DELIZOICOV, ANGOTTI, PERNANBUCO, 2011).

As mudanças dos sistemas produtivos que exigem um novo perfil profissional capaz de localizar os desafios mais urgentes de uma sociedade "multimídia e globalizada", em que o rápido desenvolvimento, científico e tecnológico, impõe uma dinâmica de permanente reconstrução de conhecimento, saberes, valores e atitudes (FREITAS & VILLANI).

O ponto dominante na literatura atual aponta para uma crescente reflexão sobre qual seria o papel do professor na sociedade moderna, com uma produção de quadros teóricos que definem um novo modelo para sua formação, no qual o saber sobre o ensino deixa de ser visto pela lógica da racionalidade técnica e incorpora a dimensão do conhecimento construído e assumido responsavelmente a partir de uma prática crítico-reflexiva (DELIZOICOV, ANGOTTI, PERNANBUCO, 2011).

Tal prática parece articulada em dois eixos efetivamente complementares. De um lado, a confiança de que na ação didática do professor é sempre possível encontrar um conhecimento que vai além da teoria; de outro lado, a convicção de que essa mesma prática pode ser organizada teoricamente e orientada para produzir efeitos mais marcantes (FREITAS & VILLANI).

Em contraposição, hoje o modelo tradicional de ensino é ainda amplamente utilizado por muitos educadores nas escolas de Ensino Fundamental e Médio. Segundo Carraher (1986), tal modelo de educação trata o conhecimento como um conjunto de informações que são simplesmente passadas dos professores para os alunos, o que nem sempre resulta em aprendizado efetivo. E como desenvolver tais saberes?

Libâneo e Pimenta (1999) propõem que:

“Os processos de formação desenvolvam conhecimentos e habilidades, competências, atitudes e valores que possibilitem aos professores irem construindo seus saberes-fazer docentes a partir das necessidades e desafios

que o ensino lhes coloca no cotidiano. E que esses processos desenvolvam também a capacidade de investigar a própria atividade para, a partir dela, constituírem e transformarem os seus saberes-fazer docentes, num processo contínuo de construção de suas identidades como professores”.

E para Tardif (2000):

“Os saberes profissionais do professor abrangem conhecimentos, competências, habilidades, atitudes, entre outros, que são utilizados efetivamente em seu trabalho diário para desempenhar suas tarefas e atingir seus objetivos. O trabalho é uma atividade que se faz e é realizando-a que os saberes são mobilizados e construídos”.

Outro ponto interessante, é que, a transição de aprendiz para professor é fundamental e difícil, exige tempo, espaço, esforço integrado, apoio e, também, um conjunto de procedimentos para articular e elucidar as habilidades requeridas, tais como auto avaliação e a consideração prática das características específicas do próprio trabalho. A autoconfiança como docente deve ser iniciada durante a universidade, para que a mesma possa continuar durante toda vida profissional, é uma relação com o meu espaço íntimo com o mundo social e tenho que estar preparada para lidar com as minhas emoções, sentimentos e pensamentos. É através da nossa subjetividade que construímos um espaço relacional, ou seja, nos relacionamos com o "outro". Este relacionamento nos insere dentro de esferas de representação social em que cada sujeito ocupa seu papel de agente dentro da sociedade. Estes sujeitos desempenham papéis diferentes de acordo com o ambiente e a situação em que se encontram. O que falta na universidade é essa relação do aluno/professor com o mundo lá fora, com situações que só acontece no cotidiano escolar, e que muitas vezes o que você aprendeu na universidade não esteja condizente com a realidade.

Como aluna que fui durante anos em uma universidade, às vezes me perguntava como nós alunos de um curso de licenciatura poderíamos conceituar e vivenciar situações de ensino e as inovações que surgem ao longo dos anos, dentro de um curso que está direcionado em formar profissionais capacitados para lidar com o mundo lá fora, onde tivéssemos a oportunidade não tão abstrata de aplicar e obter informações a respeito de situações que possivelmente poderia surgir durante a caminhada profissional. Lendo artigos sobre a formação de professores, os autores enfatizam que é um processo complexo, que envolve a apropriação do sentido da sua história pessoal e

profissional, no qual a maneira de *"ser e estar na profissão não se dá sem lutas e conflitos"*, este é um processo que necessita de tempo. Um tempo para refazer identidades, para acomodar inovações, para assimilar mudanças". (NÓVOA, 1992 apud FREITAS E VILLANI, 2002)) Para o autor, é essa estreita conexão entre a pessoa e o profissional, o ser e o ensinar, constituindo o que ele denomina de *"uma segunda pele profissional"*, que acaba explicando ulteriormente a pouca disponibilidade do professor para a mudança.

Para mudar a forma de conceber o seu ensino, não basta que o professor conheça novas teorias no campo da ciência e da educação, como pressupõe o paradigma da racionalidade técnica; é necessário que ele seja estimulado a formular perguntas sobre questões fundamentais em torno de si mesmo e sobre as tarefas que cumpre. *"Isto inclui perguntas como: O que significa um ensino efetivo? O que significa uma aprendizagem efetiva? Por que estou na sala de aula? O que estou fazendo? Por que faço isso?"* (BAIRD, 1997 apud FREITAS E VILLANI, 2002).

Tais perguntas acabam por levar o professor a estar por inteiro nas suas palavras e nas suas ações docentes, podendo sustentar a progressiva entrega de seus alunos às exigências daquilo que eles aprendem e aceitam como vinculante.

Em resumo acreditamos que para formar um professor é necessário que ele tenha domínio dos fundamentos teóricos educacionais, ou seja, que ele tenha clareza dos objetivos da educação; e que a partir disso tenha domínio da prática pedagógica que inclui o como ensinar e por fim que tenha autoconfiança e domínio das relações interpessoais no contexto da sala de aula.

2.2 O Estágio na Formação de Professores

A busca de certificação provocada pelas reformas da educação e a legislação de ensino têm trazido de volta à universidade muitos profissionais que já exerceram ou exercem o magistério (PIMENTA e LIMA, 2011 p. 99). Estes vão se juntar a turmas com alunos que não são professores e que nunca exerceram o magistério. Nessas turmas, os orientadores de estágio supervisionado e de prática de ensino se defrontam com indagações como: "Posso ser dispensado do estágio? Por que preciso fazer essa disciplina? Posso trazer uma declaração de uma escola onde já trabalhei?" Por outro lado, aqueles que não são professores interpelam com outras questões: "Como vou dar aula se não tenho prática? O que fazer para ficar bem preparado para a sala de aula?"

Esse curso vai mesmo me ensinar a ensinar? Em que horário vou fazer estágio, se trabalho o dia todo?”. (PIMENTA e LIMA, 2011 p. 99) Neste momento lembro-me como fiz algumas destas perguntas quando estava para iniciar o meu primeiro estágio, todas elas se encaixam perfeitamente em um determinado momento do meu curso.

Tudo isso nos propõe a refletir sobre as especificidades do estágio e da prática de ensino para todos aqueles alunos que ainda não exerceram a prática dentro da sala de aula, o que nos remete a pensar que de fato o estágio é uma oportunidade de aprendizagem da profissão docente e de construção da identidade profissional (PIMENTA e LIMA, 2011).

Como ressalta Pimenta e Lima, 2011:

Componente curricular, o estágio pode não ser uma completa preparação para um curso superior, mas é possível, nesse espaço, professores, alunos e comunidade escolar e universidade trabalharem questões básicas de alicerce, a saber: o sentido da profissão, o que é ser professor, a escola concreta, a realidade dos alunos nas escolas de ensino fundamental e médio, a realidade de professores nessas escolas, entre outras.

Tudo isso se faz necessário para um curso de licenciatura, seja qual for a disciplina cursada, é importante que os alunos ganhem essa confiança durante a universidade para que se possa fazer um bom trabalho durante o estágio, e que a partir de então possa ter a certeza da carreira quer está a trilhar.

O estágio para mim foi uma caminhada de reafirmação da escolha por essa profissão e de crescimento como pessoa, fico triste de imaginar que alguns colegas de classe muitas vezes levavam o estágio como brincadeiras ou até mesmo um passa tempo. Talvez seja por isso, que muitos dos alunos quando terminam o curso de licenciatura, que chegam à escola para iniciar o seu trabalho não conseguem, se sentem frustrados quando se deparam com a realidade do ambiente escolar, os fazendo desistir da carreira profissional. Dessa forma, a obrigatoriedade legal do estágio e o cumprimento de sua respectiva carga horária nos cursos de licenciatura, tem sido colocado como requisito indispensável para a conclusão do curso. (PIMENTA e LIMA, 2011 p. 100). Cabe ao aluno cumprir e ao professor orientá-lo neste requisito indispensável.

Concordamos com Pimenta e Lima (2011, p.102) quando estas afirmam:

“Os conhecimentos e as atividades que constituem a base formativa dos futuros professores têm por finalidade permitir que estes se apropriem de instrumentais teóricos e metodológicos para a compreensão da escola, dos sistemas de ensino e das políticas educacionais. Essa formação tem por objetivo preparar o estagiário para a realização de atividades nas escolas, com os professores nas salas de aula, bem como para o exercício de análise, avaliação e crítica que possibilite a proposição de projetos de intervenção a partir dos desafios e dificuldades que a rotina do estágio nas escolas revela”.

É neste momento que o aluno estagiário faz-se despertar-se para o verdadeiro sentido da palavra professor, pois é através das dificuldades e dos desafios que nos fortalecemos para seguir em frente e continuar com os nossos objetivos, e para que possamos estar cada vez mais fortalecidos dentro da sala de aula ou fora dela. Segundo Pimenta e Lima (2011, p. 102) as atividades de estágio deveriam contemplar:

“(…) seminários conjuntos com os professores das escolas e com os estudantes estagiários supervisionados pelos professores da universidade, pode-se promover um processo interativo de reflexão e de análise crítica em relação ao contexto sócio histórico e as condições objetivas em que a educação escolar acontece. Assim, na condição de aprendizes, formadores e formandos transitarão dos espaços da universidade para a escola e da escola para a universidade”.

Para tanto, faz-se necessário repensar como iniciar com esses alunos de uma formação que vem apenas com teorias, e até então nenhuma prática em sala de aula repleta de alunos, pois muitos desses alunos estagiários se sentem perdidos, nervosos sem saber como começar, devido ao susto diante da real condição das escolas e as contradições entre o escrito e o vivido, o dito pelos discursos oficiais e o que realmente acontece.

O que se vê na realidade de muitas Universidades é um estágio desconexo da realidade por falta de professores formadores especializados na área, dificuldades de articulação com as escolas e Secretarias de Educação, sobrecarga de estagiários nas escolas locais, dificuldade de supervisão em estágios fora da sede, dentre outros impedimentos.

Lendo livros sobre estágio e docência de Pimenta e Lima (2011, p. 103), deparei-me com depoimentos de alunos que estavam estagiando em escolas públicas e

não pude deixar de lembrar quando eu estava fazendo o meu estágio nas escolas de algumas situações semelhantes que estavam sendo citadas no livro. Um dos depoimentos que me chamou atenção e que por coincidência eu já havia escutado algo semelhante de alguns dos meus colegas de classe durante o estágio foi sobre o pânico, a desorientação e a impotência no convívio com o espaço escolar. São constantes os problemas relacionados com a falta de organização, de recursos materiais, de integração entre escola e estagiários, além da indisciplina, violência, entre outros:

“Quando cheguei à escola, não sabia analisar o que eu via. Era uma escola pública e eu nunca tinha vivido uma situação daquelas. Faltou merenda escolar! No meio daquela movimentação, eu sentia um misto de pânico e incompetência, além de ver-me completamente perdido. Tinha vontade de sair correndo daquele lugar. No outro dia, eu estava doente na hora de ir para o estágio” (Aluno do 7º semestre do curso de Pedagogia, PIMENTA E LIMA, 2011)

Este depoimento revela o distanciamento entre a universidade e a escola. Compreender a escola em seu cotidiano é condição para qualquer projeto de intervenção, pois o ato de ensinar requer um trabalho específico e reflexão mais ampla sobre a ação pedagógica que ali se desenvolve:

“Aprendemos na escola que o ver e o escutar de forma crítica e reflexiva o que estava em nossa volta propicia um novo olhar. Um olhar que escuta, ouve e aprende a ver o outro, a realidade, cria e busca a sintonia do outro, do grupo e de outras pessoas” (Aluna do Programa Especial de Formação Pedagógica, PIMENTA E LIMA, 2011)

A percepção dessa aluna revela a mudança de seu enfoque em relação à escola. Parece que descobriu seu lugar, numa postura investigativa de atenta escuta interior e exterior. À medida que alteram as formas organizacionais com vistas à melhoria do ensino, as mudanças decorrentes das reformas educacionais, em geral, trazem como consequência insegurança nos docentes, sem, no entanto, alterar as condições de trabalho dos professores, o que lhes enseja apatia e desmotivação diante dos desafios gerados no cotidiano da escola (CODO, 1999 apud PIMENTA e LIMA, 2011).

Nos estágios deparamos com muitos professores insatisfeitos, desgastados pela vida que levam, pelo trabalho que desenvolvem e pela perda dos direitos historicamente conquistados, além dos problemas do contexto econômico-social que os afeta. O que é

mais estapafúrdio de tudo é o fato de escutarmos quando estamos estagiando na escola perguntas ou posso até mesmo dizer apelações do tipo: “Desista enquanto é tempo!” e “O que você, tão jovem, está fazendo aqui?” Como nós alunos que estamos iniciando e buscando um espaço no âmbito educacional para contribuir juntamente com todos os profissionais da área um melhor futuro para nossa educação tão falada e cobrada por todos, sermos recebidos por alguns desses profissionais que se diz ser da educação, com perguntas que fazem nos sentir totalmente desmotivados? Sabemos que é difícil seguir a carreira de professor no nosso país, as dificuldades são diversas como já foram citadas algumas acima, mas não é dessa maneira que conseguimos um Brasil melhor na educação, precisamos que a universidade faça o seu papel como também nós alunos licenciados como também é de fundamental ajuda por parte dos nossos colegas que incentivem todas aquelas pouquíssimas pessoas que ainda pensam em ser um educador de verdade, que busca mostrar que somos capazes de enfrentar situações difíceis no cotidiano escolar, entretanto, todos juntos possamos conseguir um futuro bem promissor para todos aqueles que com amor e dedicação faz de tudo um pouco para melhorar cada vez mais a educação neste país.

Por isso questiona-se: Como formar professores com essa postura crítica para que as necessárias mudanças de comportamento e de valores no âmbito educacional sejam sinalizadas e incorporadas?

Dentre várias que possamos citar aqui, é a necessidade de uma parceria mais viva e eficaz entre a universidade e a escola e reestruturação do estágio e da prática de ensino como disciplina dos cursos de licenciatura.

De acordo com Tardif, 2002:

“Ao transitar da universidade para a escola e desta para a universidade, os estagiários podem tecer uma rede de relações, conhecimentos e aprendizagens, não com o objetivo de copiar, de criticar apenas os modelos, mas no sentido de compreender a realidade para ultrapassá-la. Aprender com os professores de profissão como é o ensino, como é ensinar, é o desafio a ser aprendido/ensinado no decorrer dos cursos de formação e de estágio”.

OBJETIVOS

Objetivo Geral:

- Identificar e analisar as contribuições e lacunas da formação acadêmica para a prática docente no cotidiano dos egressos do curso de licenciatura em Ciências Biológicas do Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande – CES/UFCG.

Objetivos Específicos:

- Identificar e listar os egressos que se encontram em atividade docente.
- Identificar e analisar as percepções dos egressos sobre como a vivência na universidade ajudou na sua formação docente.
- Discutir alguns aspectos sobre a relação entre o curso de licenciatura e a prática docente na sala de aula.
- Discutir o papel da universidade no processo de formação de professores no Curimataú Paraibano.

CAPÍTULO 3

A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

Desenvolver uma pesquisa na área da educação foi uma das metas que sempre almejei durante todo o meu curso de licenciatura, algo que pudesse contribuir para minha formação profissional e também para os meus colegas de profissão. Hoje em sala de aula pude perceber o quanto é importante e necessário sempre estarmos nos aprofundarmos nesta área, pois é nesse ambiente que pude vivenciar de fato o que eu sonhava.

Quando se trata de pesquisa nas áreas do ensino de ciências naturais, cria-se um cenário a princípio controverso aos olhos dos pesquisadores de ciência dura, pura ou aplicada. Isso porque o ensino de ciências é considerado, segundo Delizoicov (2004) uma área de intersecção, perdendo caráter exato e experimental das ciências exatas ou da natureza, e ganhando forma nas humanidades, possibilitando o que ele chamou de ciências humanas aplicadas.

A educação em termos gerais, e o ensino de ciências com suas especificidades sofrem críticas diversas e intermináveis dadas à realidade em parte fracassada da educação brasileira. As pesquisas são, portanto, ferramentas que permitem proposições para soluções de tais problemas. Mas a pesquisa em educação tem objetos e métodos que se diferem substancialmente daqueles da pesquisa de campo ou pesquisa experimental das ciências naturais.

Desenvolver um trabalho de conclusão de curso nessa perspectiva foi um grande desafio. Apesar do curso de graduação em licenciatura oferecer elementos para nossa formação nessa ciência humana aplicada, tiveram poucos exercícios que nos ensinassem a pesquisar com abordagens qualitativas, como é o caso deste trabalho.

A abordagem qualitativa na pesquisa em educação tem o ambiente natural como fonte direta de dados; os dados são predominantemente descritivos; a preocupação com o processo é maior que com o produto; os significados que as pessoas dão às coisas são o foco de atenção do pesquisador; a análise de dados segue um processo indutivo (Bogdan e Biklen, 1982 apud Lüdke e André, 1986).

As pesquisas de abordagens qualitativas podem assumir diversas formas. O estudo apresentado aqui utiliza elementos do chamado estudo de caso, porém não pode ser caracterizado como tal, uma vez que utilizamos uma fonte de coletas apenas de dados. Um caso é uma unidade dentro de um sistema mais amplo. Ele pode ser simples

ou complexo. Considerando os objetivos de um trabalho de conclusão de curso consideramos suficiente este “ensaio” na pesquisa qualitativa.

A expansão universitária no Brasil veio com o objetivo de democratizar o acesso ao Ensino Superior, e também formar profissionais para atender a demanda especialmente no interior do país. No caso do CES vivenciamos os desafios da formação de professores em um contexto de expansão. Nossa pesquisa pretende investigar esse universo através do discurso dos alunos egressos, porém não utilizaremos a análise do discurso.

Inicialmente listamos os alunos egressos do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UFCG/CES do município de Cuité, através da coordenação do curso, que forneceu as listas com todos os nomes dos egressos e seus respectivos e-mails. Tínhamos uma grande preocupação: conseguir encontrar os professores para fazer as entrevistas, pois, os mesmos já haviam terminado o curso e não sabíamos ao certo onde encontrá-los.

Identificados os alunos egressos e organizado o formulário de entrevistas (ANEXO I) começou a árdua tarefa de encontrar os mesmos para preencher os formulários. Alguns deles se dispuseram a colaborar de imediato, pois, achava muito importante compreender o processo de formação e suas relações com o cotidiano docente da nossa região, mas outros dificultaram um pouco e fizeram com que o tempo estimado para aplicação dos formulários se estendesse mais do que o necessário.

O formulário desenvolvido dispunha de 12 perguntas, sendo 11 delas abertas e uma objetiva, perguntas estas que foram quase que totalmente respondidas pelos alunos, pois um deles deixou apenas uma das questões em branco não justificando sua resposta, como consta no ANEXO III onde são disponibilizados os questionários respondidos pelos alunos egressos sem identificação dos mesmos.

Não era nosso objetivo discutir e analisar as possibilidades de falhas ou até mesmo ausência por parte da universidade perante a formação dos docentes, mas achamos necessário incluir questões que apontassem se existiam ou não essas lacunas diante da formação docente desses professores. Por isso elaboramos questões abertas, em que o professor se sentiria à vontade em dizer o que pensa a respeito da sua formação. Além disso, não queríamos que os mesmos se sentissem na obrigação de aceitar e/ou estimular possíveis falhas da universidade com a sua formação docente. Todos os professores que aceitaram em participar da pesquisa tiveram acesso ao termo de consentimento (ANEXO II) onde constavam todas as informações sobre a mesma.

Dos 25 alunos egressos do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UFCG/CES do município de Cuité/PB, apenas oito concordaram em participar da pesquisa, onde dois concluíram seu curso no período 2010.2, três no período 2011.1 e três no período 2011.2. Outros 17 professores não participaram da pesquisa. Os motivos foram diversos: cinco professores alegaram não estarem atuando em sala por opção, dois professores não concordaram em participar por acharem que não irão seguir a carreira docente e pelo fato de atualmente não estarem lecionando. Ainda quatro deles não concordaram em responder, pois queriam dispor de mais tempo para responder. E os seis professores restantes não obtiveram o retorno dos mesmos.

Depois de respondidos, os formulários foram analisados qualitativamente, utilizando o método de análise de conteúdo.

Para a organização e tratamento dos dados utilizamos ferramentas da análise de conteúdo. A análise de conteúdo é uma técnica para o tratamento de dados que visa identificar o que está sendo dito a respeito de determinado tema. Bardin (1977, p.42) conceitua a análise de conteúdo como um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens. A finalidade da análise de conteúdo é produzir inferência, trabalhando com vestígios postos em evidência por procedimentos mais ou menos complexos.

Os resultados das entrevistas são apresentados no capítulo seguinte. Para algumas questões optamos pela construção de um quadro para melhor visualização dos dados. Nas demais a apresentação se dá na forma de textos analíticos mesclados com recortes significativos de falas dos entrevistados. Estas estarão sempre em *itálico* sem aspas, para diferenciar das citações de referenciais teóricos.

CAPÍTULO 4

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Do total de 25 alunos egressos do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, oito responderam ao formulário. Dentre os entrevistados sete são do sexo feminino e um do sexo masculino, com faixa etária entre 23 e 34 anos. No que concerne ao final do curso, dois concluíram seu curso no período 2010.2, três no período 2011.1 e três no período 2011.2.

Antes de analisarmos as repostas dos professores, vamos conhecer um pouco como está à vida profissional dos mesmos. Os quesitos serão listados a seguir (QUADRO 1).

Quadro 1: Como se encontra a atual vida profissional dos professores entrevistados do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UFCG/CES.

Quesitos	P-1	P-2	P-3	P-4	P-5	P-6	P-7	P-8
Trabalha em escolas?	Sim, em duas escolas públicas.	Não trabalho em escolas.	Sim, em três escolas públicas.	Sim, em uma escola pública.	Sim, em duas escolas. Sendo uma pública e uma particular.	Sim, em uma escola pública.	Sim, em uma escola particular.	Não trabalho em escola no momento.
Turmas que leciona?	4º e 5º anos do Ensino Fundamental I	Não leciono	5º ano do fundamental I.	1º 2º e 3º anos do ensino médio.	No ensino fundamental II, no ensino médio e no EJA ² .	Os três 9º com a disciplina de ciências, biologia no médio e algumas turmas de artes do fundamental e médio.	De 6º ao 9º ano (fundamental II) e 1º a 3º ano (médio).	Não leciono no momento.
Quanto tempo leciona?	11 anos	Não leciono	Um ano	Cinco meses	Dois anos.	Dois anos.	Três anos.	Lectionei durante três anos (2009 2010 e 2011).
Está fazendo pós-graduação? Se estiver, em que área?	Sim, em ensino e aprendizagem.	Não	Não	Não	Não	Não, mas estou fazendo cursos de capacitações e formação continuada.	Não.	Não.

² Educação de Jovens e Adultos: é uma forma de ensino da rede pública no Brasil, com o objetivo de desenvolver o ensino fundamental e médio com qualidade, para as pessoas que não possuem idade escolar e oportunidade.

Como mostrou o quadro acima, quase todos eles estão lecionando ou já lecionaram. Apesar de a grande parte estar em sala de aula, podemos observar que dois professores estão buscando se aprofundar na área da educação. O que nos chamou atenção entre as respostas dos entrevistados, foi o fato de um dos professores nos relatar a falta de desejo de lecionar, esse fator foi importante acrescentar na nossa pesquisa, pois, nos comprova que mesmo fazendo um curso de licenciatura o mesmo não despertou o interesse em lecionar. Talvez seja pelo fato da nossa região não oferecer um curso de bacharelado, ou até mesmo pelo fato do curso ser gratuito, tenha sido um dos motivos que provavelmente fez o professor optar por uma licenciatura.

Procuramos saber dos sujeitos da pesquisa **quando começou a ensinar** (1º item). Os dados revelam que a maior parte dos professores iniciou a carreira depois da graduação, sendo eles três desses professores, dois durante a graduação, dois antes da graduação e apenas um deles afirmou não ter lecionado até o momento, apenas durante o estágio supervisionado.

Podemos perceber que os professores esperaram terminar o curso superior para dá início à docência, talvez seja pelo fato das oportunidades terem surgido posteriormente ao término do seu curso, ou o fato de se sentirem mais seguros com o fim da graduação.

Quando foram solicitados para falarem sobre **as dificuldades para conseguir o primeiro emprego como professor** (2º item), estes responderam na sua maioria que não encontraram dificuldades em conseguir (seis). Podemos concluir que os recém-formados foram em busca do seu primeiro emprego como professor, e que apesar das dificuldades enfrentadas, e pela falta de estímulo para com a carreira não se acomodaram, e que de fato estudaram ainda mais para ter êxito em um concurso da área, como relata um dos professores. (...) *Passei no primeiro concurso que fiz, e ingressei na carreira por meio dele.* (P-4)

Em relação ao **desejo de ser professor** (3º item), os professores quase por unanimidade demonstraram que não tinham o desejo e não almejavam essa profissão para sua vida. Apesar da falta de anseio, os mesmos mostraram que com o passar do tempo aprenderam a gostar da profissão e começaram a se identificar com a mesma durante o estágio supervisionado.

O estágio supervisionado me ajudou a gostar desta profissão, mesmo sabendo que trabalhamos tanto e ganhamos pouco, é um tanto quanto triste, mais com dedicação, vontade de ensinar, isso faz com que possamos melhorar a cada dia como profissionais da educação. (P-5)

(...) na prática acabei me identificando e gostando da profissão. (P-4)

(...) mais com o passar do tempo fui gostando e me identificando cada vez mais com a profissão. (P-6)

Depois que fiz o magistério comecei a gostar de dar aula. Antes disso não pensava em profissão alguma. (P-1)

Três dos professores entrevistados não demonstram o interesse em dar continuidade na carreira, alegando que:

(...) não tenho vocação. (P-2)

(...). Não desejava ser professora porque não me identifico com esta área, mas estou atuando porque até o momento não me apareceram outras oportunidades. (P-3)

(...) esta classe não é reconhecida e assim, muitas vezes, me dá um desânimo. (P-8)

Em seguida **Perguntamos quais foram as maiores dificuldades encontradas pelos professores quando começaram a dar aulas** (4º item). As dificuldades encontradas no início da atividade profissional foram várias, sendo difícil o professor que não tenha enfrentado algumas delas. O que podemos observar é que o destaque maior (três) ficou em relação ao despreparo face à realidade enfrentada durante o cotidiano na sala de aula, o que podemos constatar nas falas dos entrevistados:

(...) minhas maiores dificuldades foram: conquistar e manter o interesse dos alunos pelas aulas; conseguir que os alunos participassem das aulas/discussões e controlar barulho/bagunças. (P-2)

Falta de domínio do comportamento dos alunos em sala de aula. (P-3)

(...) outra dificuldade era o controle da turma, foi bem difícil no começo, achava que não conseguiria dar conta dos alunos, mas com o tempo, com paciência, consegui a amizade deles e o controle total. (P-7)

Outros destaques dos professores (dois) foram em relação à insegurança, a vergonha e o nervosismo; como podemos observar em suas falas: *Eu tinha um pouco de vergonha, mais com o tempo me acostumei a contê-la. (P-5) O nervosismo e um pouco de insegurança. (P-6)* Outros (dois) entrevistados destacaram a falta de prática, pelo fato de ainda não terem concluído o curso: *Foi metodológica, a prática de sala de aula (que eu não tinha e o pouco conhecimento teórico) me dificultavam com a disciplina. (P-1) Minha maior dificuldade foi em lhe dar com a prática docente, já que eu ainda não era formada. (P-8)*

Outro entrevistado (um) relatou que não teve dificuldades até o momento, porém a falta de material dificultou a sua aula. *Ainda não tive grandes dificuldades, uma das dificuldades é a falta de livro didático para algumas turmas. (P-4)*

Quando questionados sobre **a sua vida de professor, quais são as coisas boas e as ruins** (5º item), podemos perceber que quando se refere às coisas boas na sua profissão existe um consenso entre a maior parte deles (cinco) dizendo o quanto é gratificante ser mediador do conhecimento e da aprendizagem podendo assim, contribuir com o futuro de várias pessoas.

Ver uma criança fazer descobertas na escrita e nos números (...) (P-1)

(...) são poder compartilhar conhecimentos e experiências, contribuindo de maneira positiva para o crescimento individual de cada aluno, de si próprio e da sociedade como um todo. (P-2)

(...) além de ser mediador do conhecimento científico, histórico e social para crianças, jovens e adultos, contribuimos para inserção de indivíduos ativos na sociedade, independente de cor ou classe social e de certa forma, para um futuro melhor. (P-4)

É saber que você está contribuindo com o futuro de vários indivíduos, os quais são a nossa esperança de um amanhã melhor. (P-6) Gratificante ajudar as pessoas na aprendizagem. (P-8)

Os demais professores (três) enfatizaram de bom na sua profissão é o surgimento de sentimentos por ambas as partes com o passar dos anos e os novos ciclos de amizades.

Alguns alunos se apegam, são carinhosos, abraçam, às vezes contam segredos e problemas pessoais. (P-3)

Conhecer pessoas, e fazer novas amizades. (P-5)

A melhor coisa de tudo isso é o contato com os alunos, é o carinho deles comigo, é o poder ajudar eles a crescer intelectualmente, vê o desenvolvimento deles, conquistar a amizade, sentir que tudo isso é recíproco. (P-7)

Quando questionados em relação às **coisas ruins**, quase todos os professores (sete) tiveram um mesmo pensamento, onde destacou a desvalorização da carreira, a má remuneração, a falta de interesses dos alunos, o desrespeito além da falta de infraestrutura das escolas.

(...) trabalhar em um país que não prioriza a educação; ser mal remunerada (...). (P-1)

É o desrespeito e a desvalorização nacional da carreira. (P-2)

Alguns alunos só estão na escola para bagunçar e desrespeitar os professores e colegas. (P-3)

O ruim é não ter, por muitas vezes, o trabalho reconhecido, a falta de infraestrutura das escolas públicas e a falta de incentivo na carreira. (P-4)

O salário, e os alunos que não participam de nada. (P-5)

É a falta de incentivo aos profissionais da área, falta de estrutura escolar e outros tantos. (P-6)

Nós professores não somos reconhecidos profissionalmente. (P-8)

Um dos entrevistados ressaltou ainda a falta de funcionários qualificados, sendo assim dificuldades e diferenças de relacionamento com os diferentes setores

operacionais da escola. (...) *ter diretores com formação inferior a você; não ter uma filosofia própria que norteie seu trabalho; se sentir sozinha, mesmo tendo uma “equipe pedagógica”, que não atua com qualidade; trabalhar dois expedientes.* (P-1)

Outro ressaltado de um dos professores foi: *O que me incomoda às vezes é corrigir provas e trabalhos. As provas porque as letras de alguns não colabora na hora da correção; os trabalhos porque alguns são simplesmente colados da internet e alguns não sabem nem o que ali colocou (...).* (P-7)

Visto as dificuldades encontradas pelos professores, perguntamos na sequência **o que para eles é ser um bom professor** (6º item). Cinco entrevistados apontaram boa formação para que se tenha um bom resultado no processo de ensino-aprendizagem, e saber conviver com as diferenças.

É saber qual o sentido real do seu trabalho, ter uma boa formação, trabalhar com metas claras (...). (P-1)

Ser um bom professor é estar sempre disposto a aprender e ensinar. É ter, além da capacitação específica, criatividade, responsabilidade, humildade e flexibilidade (...). (P-2)

Ser tranquilo sempre, e ter controle sobre os conteúdos (...). (P-5)

É saber lhe dar com as diferenças e conseguir fazer que seu aluno aprenda o valor daquele conhecimento adquirido ao longo do processo de ensino. (P-6)

É poder promover o ensino aprendizagem com êxito, conseguindo atingir os objetivos de uma boa educação. (P-8)

Os outros três mencionaram questões afetivas.

É ter diálogo com os alunos, saber ouvir seus problemas e aconselhá-los. (P-3)

É valorizar o conhecimento de seus alunos, descobrir suas potencialidades e entender a realidade do meio em que vivem e, sem esforço, ampliar a visão de mundo, de possibilidades, e de oportunidades, através da ciência, valorizando as práticas do questionamento, do diálogo e do aprendizado mútuo. (P-4)

É conseguir além de passar o conteúdo de forma satisfatória, conquistar seus alunos, ajudar numa construção intelectual. Saber as necessidades individuais de cada um dos seus alunos, porque cada um age de forma diferente, às vezes precisam de uma atenção diferenciada (...). (P-7)

Quando indagados sobre se **hoje em sala de aula, você se considera um bom professor** (7º item), seis responderam sim.

Sou porque estou sempre em formação, sei que objetivos quero alcançar com meus alunos, tenho boas metodologias, mas ainda falta muito para que eu possa ser o que realmente eu queria ser (P-1)

Sim. (P-4)

Sim. (P-5)

Sim, mas não o suficiente o que me faz querer melhorar cada vez mais. (P-6)

Sim, pois (como já havia mencionado) tento sempre que possível ajudá-los naquilo que é necessitado. (P-7)

Quando eu dava aula, meus alunos gostavam muito e eu era muito agradada por eles e as aulas fluíam muito bem. (P-8)

Outros dois professores nas suas falas ressalta o fato de não existir diálogo entre ele e os alunos, sendo, portanto o motivo de não se considerar um bom professor. *Não estou em sala de aula, mas acredito que não possuo o 'manejo' adequado. (P-2) Não, porque não tenho esse tipo de diálogo com os alunos. (P-3)*

Em relação à universidade, como ela lhe ajudou a se tornar um professor de ciências e biologia (8º item)? As falas remetem às questões pedagógicas, conteúdos específicos e exemplos pessoais a serem seguidos.

(...) quando dou aula de ciências sempre me questiono em que a aula poderia contribuir para a vida do aluno, e traço objetivos para que isso seja alcançado. A universidade que tornou mais reflexiva diante da minha prática me sinto mais segura para dar aulas hoje. (P-1)

(...) A universidade ajudou dando o suporte teórico e prático necessário para desenvolver minha função adequadamente. (P-3)

Disponibilizando bons professores, alguns tenho como referências em minhas práticas, livros de qualidade e me apresentando a prática escolar. (P-4)

Mais depoimentos dos entrevistados:

Com o estágio supervisionado e com os professores. (P-5)

Me mostrando o quanto é bela essa ciência da vida. (P-6)

Apenas na obtenção de conteúdos, inicialmente. Ao fim do curso, consegui uma pouca experiência em sala, e esta me fez confirmar ainda mais a minha vontade de ser professora. (P-7)

Ajudou promovendo o conhecimento e a didática, mesmo que pouca. (P-8)

Por outro lado na fala de um dos entrevistados, o mesmo relata que a universidade não o ajudou, o que consta no seu depoimento: *Não me ajudou. Apesar da formação acadêmica, não me tornei professora e nem penso nisso para o futuro. (P-2)*

E existiram falhas ou ausências na sua formação como professor de ciências e biologia (9º item)? Todos os professores responderam que sim, sendo que cada um abordando à sua maneira onde possivelmente tenham existido falhas ao longo do seu curso de licenciatura.

Acredito que sim, as aulas teóricas de sala de aula foram muito poucas, conteúdos podem ser aprendidos em qualquer livro, mas, a sala de aula é um laboratório que as universidades não estão prontas para construir e despertar no aluno o gosto pela leitura. (P-1)

Sim, mas não posso afirmar que as falhas são exclusivas do curso, já que muitas decorrem da minha falta de interesse pela área de ciências e biologia. Na época do vestibular, dentre as opções de curso superior que eram viáveis para mim ao terminar o ensino médio (questões financeiras e de comodidade) acabei 'optando' pelo curso de licenciatura em biologia. Concluí o curso, apesar de não gostar, e hoje me vejo como se continuasse apenas com o ensino médio. O curso não me serviu de referência ou de porta

para nada, também não acho que estaria capacitada, pois os conhecimentos adquiridos foram muito superficiais e já esqueci quase tudo. (P-2)

Mais depoimentos dos professores entrevistados:

Sim, porque os professores da universidade vivem em uma realidade completamente diferente daquela enfrentada pelos professores de nível fundamental e médio. Esse fato só mudaria se os docentes da universidade vivenciassem a realidade em que os outros professores estão inseridos. (P-3)

Falhas sempre existem, principalmente em uma turma pioneira e de um novo campus. Algumas são: falta de laboratório, de professores (muita disciplina, para pouco professor especializado - alguns ministravam disciplinas que não dominavam tão bem), e de aulas práticas. (P-4)

Creio que pequenas falhas, tais como, quando vamos pra realidade vemos que é um mundo bem diferente do que a gente estuda dentro da sala de aula, acho que deveria ter mais aulas práticas, encontros com alunos do estado, município, conhecer mais a realidade fora da sala de aula. (P-5)

Acho que tudo na vida tem falhas, pois muito do que aprendemos na universidade é inviável para a realidade de nossas escolas. (P-6)

Sim, como fiz um curso de licenciatura, acho que faltou um pouco de preparo para a vida de professor. Acho que a quantidade de disciplinas de estágio era insuficiente e que nos faltou maior interação com as escolas que nos cercavam. (P-7)

Acredito que houve ausência da promoção de ensino da prática de lecionar. (P-8)

Diante dessas falas podemos concluir que as atividades de prática de ensino e os estágios supervisionados não foram os suficientes, e nunca serão, para prepará-los para uma realidade que não conduz com os estudos vistos por eles durante o curso de licenciatura. É imprescindível que tenha aulas práticas que deem esse suporte determinante para uma carreira docente.

No 10º item constava uma pergunta de múltipla escolha, em que foi perguntado se a duração e a carga horária do curso em que havia se formado era adequada ou

inadequada, e em seguida era necessário que os alunos pudessem se possível justificar a alternativa que havia assinalado.

Os professores responderam em sua maior parte (quatro) que a duração e a carga horária do curso eram sim adequadas. Dos quatro que assinalaram adequadas, apenas três justificaram da seguinte maneira:

Acho que segue o padrão dos cursos de Lic. em Biologia. (P-4)

No início parecia muito cansativa, mas com o passar do tempo se tornou necessária. (P-6)

Estudei durante cinco anos. (P-8)

Dos professores que assinalaram inadequadas (três), o que corresponde à minoria dos entrevistados, os mesmos disseram em suas falas o seguinte:

Muita coisa foi irrelevante, como por exemplo, as várias disciplinas de botânica e zoologia. Essas disciplinas tratam de questões de mera decoreba (...). Também vale ressaltar as disciplinas de prática de ensino, que de práticas não tinham nada, quatro cadeiras com textos longos e entediantes que não traziam nenhuma luz sobre como dinamizar uma aula acho que saímos do curso sem muitas noções para atuação como professores ou pesquisadores (...). (P-2)

São muitas disciplinas voltadas à parte educacional, que ensinaram praticamente a mesma coisa, tornando o curso enfadonho. Apesar de ser licenciatura, creio que as disciplinas poderiam ser mais voltadas à parte específica da biologia. (P-3)

Acho que algumas disciplinas deveriam ter mais créditos e que deveríamos ter tido mais aulas práticas para podermos aplicar em nossa vida docente. (P-7)

O que de fato chamou atenção nesta resposta foi quando um dos professores assinalou as duas alternativas, sendo a carga horária e a duração do curso adequada e ao mesmo tempo inadequada.

O professor em suas palavras nos afirma que:

UFMG / BIBLIOTECA

Marquei os dois, pois INADEQUADAS quanto ao estágio, pois deveria ser feito primeiro um horário de acordo com a disposição da escola. Ex. se eu tenho aula na universidade de tarde, mais as aulas do estágio são à tarde também, aí vou ter que escolher onde perder aula?! Aí complica. ADEQUADA porque temos professores que são altamente qualificados. (P-5)

Estes resultados nos levam a crer que eles identificam o curso de Licenciatura em Ciências Biológicas bem ajustado no que se refere à carga horária e a duração do curso. Por outro lado, talvez este resultado não tenha sido tão positivo, pois podemos perceber em alguns dos depoimentos a insatisfação de alguns dos alunos egressos com a carga horária do seu curso, o que os deixavam descontentes. Podemos, então, perceber que talvez seja o momento oportuno de tentar repensar sobre a distribuição da carga horária do curso quando se diz respeito a algumas disciplinas.

Quando indagados se **os estágios curriculares supervisionados contribuíram para a sua formação** (11º item), quase todos (sete) responderam que sim, cada um com uma visão diferente, porém com a mesma intenção de expressar o quanto o estágio ajudou na sua formação acadêmica e profissional, e ao mesmo tempo proporcionando um momento importante para a sua futura carreira.

De certa forma sim, apesar de achar o estágio nº 1 - 90 horas só para observação - completamente desnecessário (...) o de nº 2 - de coparticipação e regência seria necessário (...). O estágio 3 - mais regência, já poderia ser dispensado de qualquer forma o estágio contribuiu sim em minha formação (...). (P-2)

Sim, porque pude vivenciar a prática da sala de aula, com todas as suas dificuldades. (P-3)

Sim, é fase de aliar o conhecimento com a prática. (P-4)

Sim, pois me mostrou os bastidores de como ser professor, se era isso realmente o que eu queria pra minha vida. (P-5)

São a partir deles que podemos vivenciar a realidade das escolas e nos preparar para enfrentar nossa profissão. (P-6)

Verdadeiramente, das três disciplinas de estágio, apenas um contribuiu verdadeiramente para minha formação profissional, pois nesta tive a oportunidade de conviver com professores e vivenciar o dia a dia de uma sala de aula. (P-7)

Sim, todo aprendizado contribui para formação. (P-8)

Apenas um dos professores entrevistados relatou que o estágio e as práticas vistas em sala realizada pelos professores durante as suas aulas, não condiz com a realidade sendo de certa maneira antiquada, e por isso não adotaria nas suas futuras aulas. (...) *as práticas atuais dos professores que vi, são muito arcaicas, e sinceramente não daria aulas como as que presenciei. (P-1)*

Por fim quando questionados sobre **seu futuro se pensa em continuar sendo professor de ciências e biologia** (12º item), nas respostas obtidas neste item, dos oito professores cinco responderam que pretendem dar continuidade a carreira profissional, porém, almejando algo melhor profissionalmente como, por exemplo, fazer mestrado e doutorado para poder ingressar na universidade como professor. O que chama atenção nas respostas, é que eles pretendem continuar seguindo na área educacional, entretanto, pensando sempre em se ter uma vida mais confortável financeiramente.

Sim, tenho esperança de melhores condições na educação brasileira e pretendo dar continuidade a minha formação acadêmica com pós-graduação na área. (P-4)

Por enquanto sim, mais pretendo Mestrado e posteriormente um Doutorado. (P-5)

Sim, quem sabe se estudar mais e mais conseguirei ser uma professora de universidade. (P -6)

Sim. Mas penso também em fazer mestrado e se possível doutorado. Penso que quando mais qualificada for, melhor poderei realizar a minha vida profissional como professora. (P-7)

Sim. (P-8)

Por outro lado, tivemos as seguintes respostas:

(...) pretendo em breve sair de sala de aula e encerrar minha carreira como professora pretendo estudar para melhorar minha condição salarial. (P-1)

(...) penso em realizar um concurso nível médio para o serviço público federal. (P-2)

(...) pretendo ingressar em outra área que não tenha a ver com ensino de modo geral. (P-3)

O que podemos perceber nas declarações dos professores, é que infelizmente ainda existem pessoas que fazem um curso de licenciatura, mas que não pretendem seguir na carreira. Entretanto, alguns dos professores pensam em continuar na carreira se dedicando para melhorar profissionalmente, para em um futuro bem próximo ter bons resultados na melhoria da educação brasileira.

CAPÍTULO 5

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi exposto nesse trabalho, penso que a universidade tem uma importância significativa na nossa formação acadêmica e profissional, porém, nos proporcionando de diversas maneiras um aprendizado único e efetivo, nos fornecendo um suporte teórico e prático, mesmo que em alguns momentos nos deixe a desejar no sentido do alunado aparentar algumas dificuldades pelo fato de não saber lidar com o cotidiano escolar.

As questões abertas do instrumento de coleta de dados permitiram constatar que os professores iniciaram a sua carreira docente após a graduação, e que os mesmos não tiveram dificuldades em conseguir seu primeiro emprego na área educacional, apesar da falta de apoio e a desvalorização da carreira.

Analisando os questionários, entendemos que a maioria dos professores não tinha o interesse em lecionar, e que com o passar do tempo foi se identificando e gostando do que estava fazendo. Sendo o estágio determinante neste percurso. Pimenta e Gonçalves (1990) consideram que a finalidade do estágio é propiciar ao aluno uma aproximação à realidade na qual atuará, contudo, defendem uma nova postura, uma redefinição do estágio, que deve caminhar para a reflexão, a partir da realidade. Neste sentido apontamos a necessidade de investigações específicas sobre o desenvolvimento dos estágios curriculares em nosso Centro.

Percebo que nas falas apresentadas pelos professores, o que os deixam felizes é saber que estão proporcionando a aprendizagem e além desta mediação com conhecimento estão compartilhando experiências e ajudando no desenvolvimento cognitivo de cada aluno. E acreditamos que esta interação só pode ser feita quando os professores tem em sua formação a noção de seu papel: além de fazer o indivíduo crescer intelectualmente permite a qualificação dos sujeitos sociais através do saber (BRANDÃO, 2002). A educação é uma instância potencializadora e/ou mediadora na construção da cidadania à medida que promove o diálogo, a participação e emancipação dos sujeitos (MELO; COSTA & MOREIRA 2005, p.142).

É necessário que as universidades possam propor aos seus docentes o desafio de repensar o “bom ensino” e construir novos paradigmas para aprendizagem dos

estudantes. Para que com o passar do tempo as descobertas e as experiências se tornem vivências ricas gerando situações inovadoras para a o âmbito educacional.

Visto que, ainda existam pessoas que começaram um curso de licenciatura sem nenhuma perspectiva de continuar na área educacional, nos alegra que ainda existam pessoas que demonstraram um grande desejo de fazer parte dessa profissão que muitas vezes é ignorada e esquecida por tantas pessoas que fazem parte da nossa sociedade, talvez seja um dos motivos no qual um dos professores demonstrou desestimulado.

Em linhas gerais, essa análise nos possibilitou constatar que a formação docente é globalmente idealizada segundo um modelo aplicacionista do conhecimento: os alunos passam certo número de anos a assistir a aulas baseadas em disciplinas e constituídas de conhecimentos proposicionais. (TARDIF, 2011, p.270) Em seguida, ou durante essas aulas, eles vão estagiar para “aplicarem” esses conhecimentos. Quando a formação termina, eles começam a trabalhar sozinhos, aprendendo seu ofício na prática e constatando, na maioria das vezes, que esses conhecimentos proposicionais não se aplicam bem na ação cotidiana (WIDEEN et al., 1998 apud TARDIF, 2011). Portanto, a formação docente deve formar o professor para atuar em uma realidade difícil em que faltam muitas coisas.

O que se deve tentar fazer é um trabalho docente voltado para esses alunos, que muitas vezes acham que não conseguirão desempenhar um bom trabalho, fazendo com que despertem a ideia básica de se apropriar de um saber para realizar um fazer (o ensino) (MARIN, 2005, p.171).

Dessa maneira, o trabalho teve como finalidade apontar e analisar alguns pontos nesta formação dando espaço para que os professores demonstrassem em seus depoimentos as possíveis ausências no curso a fim de que se possa melhorá-lo.

UFMG / BIBLIOTECA

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Nilda (Org) [et. al.] **Formação de Professores: Pensar e Fazer**. 9 ed. São Paulo, Cortez, 2006.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal, (1977): Edições 70 Disponível em: <<http://caleidoscopio.psc.br/ideias/bardin.html>> Acesso em: 19 de maio de 2012.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A educação da pessoa cidadã. In: Educação Popular na Escola Cidadã. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

CAMPOS, R. A. **A Educação Ambiental e a Formação do Educador Crítico: Um estudo de caso em uma escola de uma Rede Pública**. Campinas – SP, 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Católica de Campinas.

CARRAHER, T.N. **Ensino de ciências e desenvolvimento cognitivo**. Coletânea do II Encontro "Perspectivas do Ensino de Biologia". São Paulo, FEUSP, 1986, pp. 107-123.

_____. **Indivíduo: trabalho e sofrimento**. Petrópolis: Vozes, 1992.

DELIZOICOV, Demétrio. **Pesquisa em Ensino de ciências como ciências humanas aplicadas**, *Caderno brasileiro de Ensino de Física*, v. 21, p. 145 – 175, Agosto de 2004.

DELIZOICOV, Demétrio. ANGOTTI, José André. PERNAMBUCO, Marta Maria. **Ensino de Ciências: fundamentos e métodos**. 4º ed. São Paulo: Cortez, 2011.

Educação para Jovens e Adultos. Disponível em: <http://www.mundoeducacao.com.br/educacao/educacao-para-jovens-adultoseja.htm>. Acessado em 12 de Outubro de 2012.

FREITAS, de Denise e VILLANI, Alberto. **Formação de professores de ciências: Um desafio sem limites**. Coletado no site http://www.if.ufrgs.br/public/ensino/vol7/n3/v7_n3_a3.htm. Acessado em Fevereiro de 2011

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia - Saberes Necessários à Prática Educativa**. Editora Paz e Terra. Coleção Saberes, 1996 36ª ed.

GASPARIN, João Luiz. **Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica**. 2ªed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

KRASILCHIK, M. **Prática de Ensino de Biologia**. São Paulo: Edusp, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos e PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de profissionais da educação: visão crítica e perspectivas de mudança.** Educação & Sociedade, Campinas: CEDES, nº68/ Especial, dezembro/1999, p.239-279. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?> Acessado em Setembro de 2012.

LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marli A. D. A. **Pesquisa em educação: Abordagens Qualitativas.** Editora Pedagógica e Universitária LTDA, 1º ed. São Paulo, 1986.

MARIN, Alda Junqueira (coordenadora). et al. 2º ed., Araraquara, São Paulo, 2005.

MELO, Elena Maria Billig; COSTA, Fátima Teresinha Lopes da & MOREIRA, Jacira Cardoso de. **Pedagogia Universitária: campo de conhecimento em construção.** Cruz Alta: Unicruz, 2005.

MARIN, Alda Junqueira (coordenadora). et al. 2º ed., Araraquara, São Paulo, 2005.

NÓVOA, A. **Formação de professores e profissão docente.** In: A. Nóvoa (org.). Os professores e sua formação. Lisboa: Nova Enciclopédia, 1992.

PIMENTA, Selma Garrido e LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência.** Revisão técnica José Cerchi Fusari. 6º Ed., São Paulo: Cortez, 2011.

PIMENTA, S. G.; GONÇALVES, C.L. **Reverendo o ensino do 2º grau, propondo a formação do professor.** São Paulo: Cortez, 1990.

TARDIF, Maurice. **Saberes Profissionais dos Professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério.** Revista Brasileira de Educação, nº 13, Jan/Fev/Mar/Abr 2000, p.5-24. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n13/n13a02.pdf> Acessado em: Setembro de 2012.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 12º ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

ANEXOS I

Modelo de formulário de entrevistas

UFCG / BIBLIOTECA

CARACTERIZAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA

Nome: _____

Ano de conclusão: _____

Sexo: _____

Idade: _____

Escola em que trabalha: _____

Turmas que leciona: _____

Quanto tempo leciona: _____

Está fazendo pós-graduação? Se estiver, em que área?

FORMULÁRIO

1. Quando você começou a ensinar?

- a) () Antes da graduação
- b) () Durante a graduação
- c) () Depois da graduação

2. Você enfrentou dificuldades para conseguir o primeiro emprego como professor? Comente.

3. Você desejava ser professor? Comente.

4. Quando você começou a dar aulas quais foram suas maiores dificuldades?

5. Sobre a sua vida de professor, quais são as coisas boas e as ruins?

6. Para você o que é ser um bom professor?

7. Hoje em sala de aula, você se considera um bom professor?

8. Como a universidade ajudou você a se tornar um professor de ciências e biologia?

9. Em sua opinião, existiram falhas ou ausências na sua formação como professor de ciências e biologia? Comente.

10. Quanto à duração e a carga horária do curso em que você se formou você considera:

a) () Adequada. Justifique.

b) () Inadequada. Justifique.

11. Os estágios curriculares supervisionados contribuíram para a sua formação?
Comente.

12. E sobre seu futuro, pensa em continuar sendo professor de ciências e biologia?

ANEXOS II

Modelo do termo de consentimento

UFCG / BIBLIOTECA

APRESENTAÇÃO E TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Meu nome é Thacyana Lenize Santos Ribeiro, sou aluna do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Campina Grande do Centro de Educação e Saúde – UFCG/CES Juntamente com a minha orientadora Prof^a. Ms. Caroline Zabendzala Linheira estamos realizando uma pesquisa que fomentará meu trabalho de conclusão de curso cujo título é: **DA UNIVERSIDADE À SALA DE AULA: PERCEPÇÕES DOS EGRESSOS DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DO CES/UFCG SOBRE SUA FORMAÇÃO DOCENTE**. A expansão universitária no Brasil veio com o objetivo de democratizar o acesso ao Ensino Superior, e também formar profissionais para atender a demanda especialmente no interior do país. No caso do CES vivenciamos os desafios da formação de professores em um contexto de expansão. Nossa pesquisa pretende investigar esse universo através do discurso dos egressos. Desta forma você, como um ex-aluno de nosso curso, poderá nos ajudar a compreender o processo de formação e suas relações com o cotidiano docente da nossa região. Para que eu possa completar o meu trabalho, precisarei fazer algumas perguntas. As perguntas poderão ser respondidas e enviadas para o e-mail **thacylenize@yahoo.com.br** e somente eu e minha orientadora teremos acesso a elas. No meu trabalho escrito só aparecerão às respostas dos entrevistados de forma que ninguém conseguirá identificar sua origem porque usaremos nomes fictícios. A participação não trará qualquer risco, desconforto ou comprometimento. Queremos com a sua participação melhorar a formação de professores no Curimataú. Se você tiver alguma dúvida em relação ao estudo pode entrar em contato diretamente com a orientadora desta Prof^a. Caroline Z. Linheira (83) 9993-9975; (83) 3372-1900 ou comigo mesma no telefone (83) 9816-7525. Caso concorde em participar enviaremos este termo impresso para que assine.

Eu,

_____, fui esclarecido (a) sobre a pesquisa **DA UNIVERSIDADE À SALA DE AULA: PERCEPÇÕES DOS EGRESSOS DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DO CES/UFCG SOBRE SUA FORMAÇÃO DOCENTE** e declaro que as perguntas foram respondidas por mim e retratam minhas impressões sobre a atividade docente no ensino de ciências e biologia no Curimataú paraibano.

Cuité, _____ de _____ de 2012.

Assinatura: _____ R.G. _____

ANEXOS III

Formulários respondidos pelos professores

UFMG / BIBLIOTECA

FORMULÁRIO**P1****1. Quando você começou a ensinar?**

- d) Antes da graduação
e) Durante a graduação
f) Depois da graduação

2. Você enfrentou dificuldades para conseguir o primeiro emprego como professor? Comente.

Resposta: Não, meus pais eram professores e isso facilitou meu ingresso na carreira.

3. Você desejava ser professor? Comente.

Resposta: Depois que fiz o magistério comecei a gostar de dar aula. Antes disso não pensava em profissão alguma.

4. Quando você começou a dar aulas quais foram suas maiores dificuldades?

Resposta: Foi metodológica, a prática de sala de aula (que eu não tinha e o pouco conhecimento teórico) me dificultavam com a disciplina.

5. Sobre a sua vida de professor, quais são as coisas boas e as ruins?

Respostas: Boas – ver uma criança fazer descobertas na escrita e nos números;

Ter uma profissão;

Compreender melhor o mundo que nos cerca, já que lemos muito.

Ruins – ter diretores com formação inferior a você;

Não ter uma filosofia própria que norteie seu trabalho;

Se sentir sozinha, mesmo tendo uma “equipe pedagógica”, que não atua com qualidade;

Trabalhar em um país que não prioriza a educação;

Ser mal remunerada;

Trabalhar dois expedientes.

6. Para você o que é ser um bom professor?

Resposta: É saber qual o sentido real do seu trabalho, ter uma boa formação, trabalhar com metas claras e compreender que a educação não é a redentora da sociedade, mas que ela pode ser uma das possibilidades da mudança de vida dos alunos e do próprio professor

7. Hoje em sala de aula, você se considera um bom professor?

Resposta: Sou porque estou sempre em formação, sei que objetivos quero alcançar com meus alunos, tenho boas metodologias, mas ainda falta muito para que eu possa ser o que realmente eu queria ser.

8. Como a universidade ajudou você a se tornar um professor de ciências e biologia?

Resposta: Não sou professora dessa área, mas quando dou aula de ciências sempre me questiono em que a aula poderia contribuir para a vida do aluno, e traço objetivos para que isso seja alcançado. A universidade que tornou mais reflexiva diante da minha prática me sinto mais segura para dar aulas hoje.

9. Em sua opinião, existiram falhas ou ausências na sua formação como professor de ciências e biologia? Comente.

Resposta: Acredito que sim, as aulas teóricas de sala de aula foram muito poucas. Conteúdos podem ser aprendidos em qualquer livro, mas, a sala de aula é um laboratório que as universidades não estão prontas para construir e despertar no aluno o gosto pela leitura.

10. Quanto à duração e a carga horária do curso em que você se formou você considera:

c) () Adequada. Justifique. Não justificou.

d) () Inadequada. Justifique.

11. Os estágios curriculares supervisionados contribuíram para a sua formação? Comente.

Resposta: Não, as práticas atuais dos professores que vi, são muito arcaicas, e sinceramente não daria aulas como as que presenciei.

12. E sobre seu futuro, pensa em continuar sendo professor de ciências e biologia?

Resposta: Não, pretendo em breve sair de sala de aula e encerrar minha carreira como professora. Pretendo estudar para melhorar minha condição salarial e na educação se torna mais difícil.

FORMULÁRIO**P2****1. Quando você começou a ensinar?**

- a) () Antes da graduação
- b) () Durante a graduação
- c) () Depois da graduação

Resposta: Só lecionei durante o estágio supervisionado curricular obrigatório.

2. Você enfrentou dificuldades para conseguir o primeiro emprego como professor? Comente.

Resposta: Meu primeiro (e atual) emprego foi como auxiliar operacional, nunca trabalhei como professora.

3. Você desejava ser professor? Comente.

Resposta: Não. Não tenho vocação.

4. Quando você começou a dar aulas quais foram suas maiores dificuldades?

Resposta: No período em que estagiei, tive facilidade para planejar e organizar os conteúdos/avaliações, minhas maiores dificuldades foram: conquistar e manter o interesse dos alunos pelas aulas; conseguir que os alunos participassem das aulas/discussões e controlar barulho/bagunças.

5. Sobre a sua vida de professor, quais são as coisas boas e as ruins?

Resposta: Falando de uma maneira geral, acredito que as coisas boas da vida de professor são poder compartilhar conhecimentos e experiências, contribuindo de maneira positiva para o crescimento individual de cada aluno, de si próprio e da sociedade como um todo. A parte ruim é o desrespeito e a desvalorização nacional da carreira.

6. Para você o que é ser um bom professor?

Resposta: Ser um bom professor é estar sempre disposto a aprender e ensinar. É ter, além da capacitação específica, criatividade, responsabilidade, humildade e flexibilidade para lidar com a grande variedade de situações que a carreira docente acaba englobando.

7. Hoje em sala de aula, você se considera um bom professor?

Resposta: Não estou em sala de aula, mas acredito que não possuo o 'manejo' adequado.

8. Como a universidade ajudou você a se tornar um professor de ciências e biologia?

Resposta: Não me ajudou. Apesar da formação acadêmica, não me tornei professora e nem penso nisso para o futuro.

9. Em sua opinião, existiram falhas ou ausências na sua formação como professor de ciências e biologia? Comente.

Resposta: Sim, mas não posso afirmar que as falhas são exclusivas do curso, já que muitas decorrem da minha falta de interesse pela área de ciências e biologia. Na época do vestibular, dentre as opções de curso superior que eram viáveis para mim ao terminar o ensino médio (questões financeiras e de comodidade) acabei 'optando' pelo curso de licenciatura em biologia. Concluí o curso, apesar de não gostar, e hoje me vejo como se continuasse apenas com o ensino médio. O curso não me serviu de referência ou de porta para nada, também não acho que estaria capacitada, pois os conhecimentos adquiridos foram muito superficiais e já esqueci quase tudo.

10. Quanto à duração e a carga horária do curso em que você se formou você considera:

- a) Adequada. Justifique
- b) Inadequada. Justifique

Resposta: Muita coisa foi irrelevante, como por exemplo, as várias disciplinas de botânica e zoologia. Essas disciplinas tratam de questões de mera decoreba, é impossível, mesmo que atuando alguns anos na área, armazenar na cabeça suas peculiaridades, sempre será preciso recorrer a livros e chaves de identificação, então porque perder tanto tempo com isso? Também vale ressaltar as disciplinas de prática de ensino, que de práticas não tinham nada, quatro cadeiras com textos longos e entediados que não traziam nenhuma luz sobre como dinamizar uma aula. Acho que saímos do curso sem muitas noções para atuação como professores ou pesquisadores. Ainda assim, creio que o curso poderia ter uma duração menor, três anos, e uma inversão de prioridades, algumas cadeiras quase esquecidas deveriam ganhar destaque enquanto as de destaque deveriam ser reduzidas.

11. Os estágios curriculares supervisionados contribuíram para a sua formação? Comente.

Resposta: De certa forma sim, apesar de achar o estágio n° 1 - 90 horas só para observação - completamente desnecessário, o que vemos são repetições de nossas experiências em sala de aula, apesar de ser alegado que nele, não estamos julgando nem pela ótica de professor nem pela ótica de aluno. Em minha opinião, apenas o estágio n° 2 - de coparticipação e regência seria

necessário, nele, num primeiro momento auxiliamos o professor nas atividades normais de sala de aula até ganharmos segurança para na segunda parte, rever as aulas, planejando, avaliando, etc. O estágio 3 – mais regência, já poderia ser dispensado, de qualquer forma, o estágio contribuiu sim em minha formação, já que meu único contato com a experiência docente foi através dele.

12. E sobre seu futuro, pensa em continuar sendo professor de ciências e biologia?

Resposta: Como já disse anteriormente, não me tornei professora atuante. Para um futuro próximo penso em realizar um concurso nível médio para o serviço público federal.

FORMULÁRIO
P3

1. Quando você começou a ensinar?

- a) () Antes da graduação
- b) () Durante a graduação
- c) (x) Depois da graduação

2. Você enfrentou dificuldades para conseguir o primeiro emprego como professor? Comente.

Resposta: Não. Deixei meu currículo em algumas escolas e pouco tempo depois, fui chamada para trabalhar. Ensinei ciências e geografia por alguns meses em uma escola particular na cidade de Nova Floresta/PB. Depois, consegui uma oportunidade de trabalho em escolas da cidade de Cuité/PB no Programa Mais Educação do Governo Federal em parceria com os municípios e optei por esta, por ser em minha própria cidade. Não é propriamente em sala de aula, são atividades feitas em horário oposto, onde os alunos praticam atividades como: futsal, vôlei, fanfarra, dança, capoeira e letramento. Atuo na parte de letramento.

3. Você desejava ser professor? Comente.

Resposta: Não. Não desejava ser professora porque não me identifico com esta área, mas estou atuando porque até o momento não me apareceram outras oportunidades.

4. Quando você começou a dar aulas quais foram suas maiores dificuldades?

Resposta: Falta de domínio do comportamento dos alunos em sala de aula.

5. Sobre a sua vida de professor, quais são as coisas boas e as ruins?

Respostas: Coisas boas: alguns alunos se apegam, são carinhosos, abraçam, às vezes contam segredos e problemas pessoais.

Coisas ruins: alguns alunos só estão na escola para bagunçar e desrespeitar os professores e colegas.

6. Para você o que é ser um bom professor?

Resposta: É ter diálogo com os alunos, saber ouvir seus problemas e aconselhá-los.

7. Hoje em sala de aula, você se considera um bom professor?

Resposta: Não, porque não tenho esse tipo de diálogo com os alunos.

8. Como a universidade ajudou você a se tornar um professor de ciências e biologia?

Resposta: Não estou atuando como professora de ciências e biologia. A universidade ajudou dando o suporte teórico e prático necessário para desenvolver minha função adequadamente.

9. Em sua opinião, existiram falhas ou ausências na sua formação como professor de ciências e biologia? Comente.

Resposta: Sim, porque os professores da universidade vivem em uma realidade completamente diferente daquela enfrentada pelos professores de nível fundamental e médio. Esse fato só mudaria se os docentes da universidade vivenciassem a realidade em que os outros professores estão inseridos.

10. Quanto à duração e a carga horária do curso em que você se formou você considera:

a) () Adequada. Justifique

b) (x) Inadequada. Justifique

Resposta: São muitas disciplinas voltadas à parte educacional, que ensinaram praticamente a mesma coisa, tornando o curso enfadonho. Apesar de ser licenciatura, creio que as disciplinas poderiam ser mais voltadas à parte específica da biologia.

11. Os estágios curriculares supervisionados contribuíram para a sua formação? Comente.

Resposta: Sim, porque pude vivenciar a prática da sala de aula, com todas as suas dificuldades.

12. E sobre seu futuro, pensa em continuar sendo professor de ciências e biologia?

Resposta: Não. Pretendo ingressar em outra área que não tenha a ver com ensino de modo geral.

FORMULÁRIO**P4****1. Quando você começou a ensinar?**

- a) () Antes da graduação
- b) () Durante a graduação
- c) (x) Depois da graduação

2. Você enfrentou dificuldades para conseguir o primeiro emprego como professor? Comente.

Resposta: Não, passei no primeiro concurso que fiz, e ingressei na carreira por meio dele.

3. Você desejava ser professor? Comente.

Resposta: No início do curso não, mas na prática acabei me identificando e gostando da profissão.

4. Quando você começou a dar aulas quais foram suas maiores dificuldades?

Resposta: Ainda não tive grandes dificuldades, uma das dificuldades é a falta de livro didático para algumas turmas.

5. Sobre a sua vida de professor, quais são as coisas boas e as ruins?

Respostas: Ser professor é muito gratificante, além de ser mediador do conhecimento científico, histórico e social para crianças, jovens e adultos, contribuimos para inserção de indivíduos ativos na sociedade, independente de cor ou classe social e de certa forma, para um futuro melhor.

O ruim é não ter, por muitas vezes, o trabalho reconhecido, a falta de infraestrutura das escolas públicas e a falta de incentivo na carreira.

6. Para você o que é ser um bom professor?

Resposta: É valorizar o conhecimento de seus alunos, descobrir suas potencialidades e entender a realidade do meio em que vivem e, sem esforço, ampliar a visão de mundo, de possibilidades, e de oportunidades, através da ciência, valorizando as práticas do questionamento, do dialogo e do aprendizado mútuo.

7. Hoje em sala de aula, você se considera um bom professor?

Resposta: Sim

8. Como a universidade ajudou você a se tornar um professor de ciências e biologia?

Resposta: Disponibilizando bons professores, alguns tenho como referências em minhas práticas, livros de qualidade e me apresentando a prática escolar.

9. Em sua opinião, existiram falhas ou ausências na sua formação como professor de ciências e biologia? Comente.

Resposta: Falhas sempre existem, principalmente em uma turma pioneira e de um novo campus. Algumas são: Falta de laboratório, de professores (muita disciplina, para pouco professor especializado - alguns ministravam disciplinas que não dominavam tão bem), e de aulas práticas.

10. Quanto à duração e a carga horária do curso em que você se formou você considera:

a) Adequada. Justifique

Acho que segue o padrão dos cursos de Lic. em Biologia.

b) Inadequada. Justifique

11. Os estágios curriculares supervisionados contribuíram para a sua formação? Comente.

Resposta: Sim, é fase de aliar o conhecimento com a prática.

12. E sobre seu futuro, pensa em continuar sendo professor de ciências e biologia?

Resposta: Sim, tenho esperança de melhores condições na educação brasileira e pretendo dar continuidade a minha formação acadêmica com pós-graduação na área.

FORMULÁRIO**P5****1. Quando você começou a ensinar?**

- a) () Antes da graduação
- b) () Durante a graduação
- c) (x) Depois da graduação

2. Você enfrentou dificuldades para conseguir o primeiro emprego como professor? Comente.

Resposta: Não. Creio que a carência de professores na região é bastante grande.

3. Você desejava ser professor? Comente.

Resposta: Não, o estágio supervisionado me ajudou a gostar desta profissão, mesmo sabendo que trabalhamos tanto e ganhamos pouco, é um tanto quanto triste, mais com dedicação, vontade de ensinar, isso faz com que possamos melhorar a cada dia como profissionais da educação.

4. Quando você começou a dar aulas quais foram suas maiores dificuldades?

Resposta: Eu tinha um pouco de vergonha, mais com o tempo me acostumei a contê-la.

5. Sobre a sua vida de professor, quais são as coisas boas e as ruins?

Resposta: Boas: conhecer pessoas, e fazer novas amizades. Ruins: O salário, alunos que não participam de nada.

6. Para você o que é ser um bom professor?

Resposta: Ser tranquilo sempre, e ter controle sobre os conteúdos e sobre os alunos.

7. Hoje em sala de aula, você se considera um bom professor?

Resposta: Sim.

8. Como a universidade ajudou você a se tornar um professor de ciências e biologia?

Resposta: Com o Estágio Supervisionado e com os professores.

9. Em sua opinião, existiram falhas ou ausências na sua formação como professor de ciências e biologia? Comente.

Resposta: Creio que pequenas falhas, tais como, quando vamos pra realidade vemos que é um mundo bem diferente do que a gente estuda dentro da sala de aula, acho que deveria ter mais aulas práticas, encontros com alunos do estado, município, conhecer mais a realidade fora da sala de aula.

10. Quanto à duração e a carga horária do curso em que você se formou você considera:

- a) Adequada. Justifique.
- b) Inadequada. Justifique.

Resposta: Marquei os dois, pois INADEQUADAS quanto ao estágio, pois deveria ser feito primeiro um horário de acordo com a disposição da escola. Ex. se eu tenho aula na universidade de tarde, mais as aulas do estágio são á tarde também, ai vou ter que escolher onde perder aula?! Ai complica. ADEQUADA porque temos professores que são altamente qualificados.

11. Os estágios curriculares supervisionados contribuíram para a sua formação? Comente.

Resposta: Sim, pois me mostrou os bastidores de como ser professor, se era isso realmente o que eu queria pra minha vida.

12. E sobre seu futuro, pensa em continuar sendo professor de ciências e biologia?

Resposta: Por enquanto sim, mais pretendo Mestrado e posteriormente um Doutorado.

FORMULÁRIO**P6****1. Quando você começou a ensinar?**

- a) () Antes da graduação
- b) (x) Durante a graduação
- c) () Depois da graduação

2. Você enfrentou dificuldades para conseguir o primeiro emprego como professor? Comente.

Resposta: Não muito, pois como já estava estagiando no período em que estava ainda na UFCG na escola em que trabalho atualmente, o que facilitou muito para que fosse convidada a lecionar na mesma.

3. Você desejava ser professor? Comente.

Resposta: No início não, mais com o passar do tempo fui gostando e me identificando cada vez mais com a profissão.

4. Quando você começou a dar aulas quais foram suas maiores dificuldades?

Resposta: O nervosismo e um pouco de insegurança.

5. Sobre a sua vida de professor, quais são as coisas boas e as ruins?

Resposta: As boas é saber que você esta contribuindo com o futuro de vários indivíduos, os quais são a nossa esperança de um amanhã melhor. As ruins são a falta de incentivo aos profissionais da área, falta de estrutura escolar e outros tantos.

6. Para você o que é ser um bom professor?

Resposta: É saber lhe dar com as diferenças e conseguir fazer que seu aluno aprenda o valor daquele conhecimento adquirido ao longo dos processos de ensino.

7. Hoje em sala de aula, você se considera um bom professor?

Resposta: Sim, mas não o suficiente o que me faz querer melhorar cada vez mais.

8. Como a universidade ajudou você a se tornar um professor de ciências e biologia?

Resposta: Mostrando-me o quanto é bela essa ciência da vida.

9. Em sua opinião, existiram falhas ou ausências na sua formação como professor de ciências e biologia? Comente.

Resposta: Acho que tudo na vida tem falhas, pois muito do que aprendemos na universidade é inviável para a realidade de nossas escolas.

10. Quanto à duração e a carga horária do curso em que você se formou você considera:

a) Adequada. Justifique

Resposta: No início parecia muito cansativa, mas com o passar do tempo se tornou necessária.

b) Inadequada. Justifique

11. Os estágios curriculares supervisionados contribuíram para a sua formação? Comente.

Resposta: Muito. São a partir deles que podemos vivenciar a realidade das escolas e nos preparar para enfrentar nossa profissão.

12. E sobre seu futuro, pensa em continuar sendo professor de ciências e biologia?

Resposta: Sim, quem sabe se estudar mais e mais conseguirei ser uma professora de universidade

FORMULÁRIO

P7

1. Quando você começou a ensinar?

- a) () Antes da graduação
- b) (X) Durante a graduação
- c) () Depois da graduação

2. Você enfrentou dificuldades para conseguir o primeiro emprego como professor? Comente.

Resposta: Sim, pois como não se tem experiências os contratantes ainda ficam receosos de dar uma oportunidade.

3. Você desejava ser professor? Comente.

Resposta: Segundo minha mãe, sim. Os relatos dela diz que sempre falei em ser professora, e quando era criança, fazia escolinhas com minhas amigas de rua, com provas e até boletim. Então, sempre foi sonho!

4. Quando você começou a dar aulas quais foram suas maiores dificuldades?

Resposta: Inicialmente, o conteúdo me parecia infinito. Mesmo porque, como não tinha experiências em sala (a não ser pelos estágios supervisionados na graduação). Depois que iniciei minha atuação como professora, percebi que tudo se "encaixava". Uma outra dificuldade era o controle da turma. Foi bem difícil no começo, achava que não conseguiria dar conta dos alunos, mas com o tempo, com paciência, consegui a amizade deles e o controle total.

5. Sobre a sua vida de professor, quais são as coisas boas e as ruins?

Resposta: A melhor coisa de tudo isso é o contato com os alunos, é o carinho deles comigo, é o poder ajudar eles a crescer intelectualmente, vê o desenvolvimento deles, conquistar a amizade, sentir que tudo isso é recíproco. O que me incomoda às vezes é corrigir provas e trabalhos. As provas porque as letras de alguns não colabora na hora da correção; os trabalhos porque alguns são simplesmente colados da internet e alguns não sabem nem o que ali colocou. Tento sempre que possível fazer aulas práticas em sala, trabalhos em grupo, relatórios de vídeos e etc., acho que também ajudam muito no aprendizado.

6. Para você o que é ser um bom professor?

Resposta: É conseguir além de passar o conteúdo de forma satisfatória, conquistar seus alunos, ajudar numa construção intelectual. Saber as necessidades individuais de cada um dos seus alunos, porque cada um age de forma diferente, e às vezes precisam de uma atenção diferenciada. Fala desta forma porque já trabalhei em escola pública e hoje em escola particular, mas mesmo assim eu consigo sempre que possível ajudar meus alunos nas suas necessidades.

7. Hoje em sala de aula, você se considera um bom professor?

Resposta: Sim, pois (como já havia mencionado) tento sempre que possível ajudá-los naquilo que é necessitado.

8. Como a universidade ajudou você a se tornar um professor de ciências e biologia?

Resposta: Apenas na obtenção de conteúdos, inicialmente. Ao fim do curso, consegui uma pouca experiência em sala, e esta me fez confirmar ainda mais a minha vontade de ser professora.

9. Em sua opinião, existiram falhas ou ausências na sua formação como professor de ciências e biologia? Comente.

Resposta: Sim. Como fiz um curso de licenciatura, acho que faltou um pouco de preparo para a vida de professor. Acho que a quantidade de disciplinas de estagio era insuficiente e que nos faltou maior interação com as escolas que nos circundavam.

10. Quanto à duração e a carga horária do curso em que você se formou você considera:

- a) () Adequada. Justifique
- b) (x) Inadequada. Justifique

Resposta: Acho que algumas disciplinas deveriam ter mais créditos e que deveríamos ter tido mais aulas práticas para podermos aplicar em nossa vida docente.

11. Os estágios curriculares supervisionados contribuíram para a sua formação? Comente.

Resposta: Verdadeiramente, das três disciplinas de estagio, apenas uma contribuiu verdadeiramente para minha formação profissional. Pois nesta tive a

oportunidade de conviver com professores e vivenciar o dia a dia de uma sala de aula.

12. E sobre seu futuro, pensa em continuar sendo professor de ciências e biologia?

Resposta: Sim. Mas penso também em fazer mestrado e se possível doutorado. Penso que quando mais qualificada for, melhor poderei realizar a minha vida profissional como professora.

FORMULÁRIO**P8****1. Quando você começou a ensinar?**

- a) Antes da graduação
- b) Durante a graduação
- c) Depois da graduação

2. Você enfrentou dificuldades para conseguir o primeiro emprego como professor? Comente.

Resposta: Não, consegui o primeiro emprego através do meu esposo que já lecionava na escola em questão.

3. Você desejava ser professor? Comente.

Resposta: Sim, mas esta classe não é reconhecida e assim, muitas vezes, me dá um desanimo.

4. Quando você começou a dar aulas quais foram suas maiores dificuldades?

Resposta: Minha maior dificuldade foi em lhe dar com a prática docente, já que eu ainda não era formada.

5. Sobre a sua vida de professor, quais são as coisas boas e as ruins?

Resposta: É muito gratificante ajudar as pessoas na aprendizagem mas nós professores não somos reconhecidos profissionalmente.

6. Para você o que é ser um bom professor?

Resposta: É poder promover o ensino aprendizagem com êxito, conseguindo atingir os objetivos de uma boa educação.

7. Hoje em sala de aula, você se considera um bom professor?

Resposta: Quando eu dava aula, meus alunos gostavam muito e eu era muito agradada por eles e as aulas fluíam muito bem.

8. Como a universidade ajudou você a se tornar um professor de ciências e biologia?

Resposta: Ajudou promovendo o conhecimento e a didática, mesmo que pouca.

9. Em sua opinião, existiram falhas ou ausências na sua formação como professor de ciências e biologia? Comente.

Resposta: acredito que houve ausência da promoção de ensino da prática de lecionar.

10. Quanto à duração e a carga horária do curso em que você se formou você considera:

a) Adequada. Justifique

Resposta: Estudei durante 5 anos!!!

b) Inadequada. Justifique

11. Os estágios curriculares supervisionados contribuíram para a sua formação? Comente.

Resposta: Sim, todo aprendizado contribui para formação.

12. E sobre seu futuro, pensa em continuar sendo professor de ciências e biologia?

Resposta: Sim.